



Sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva para a autonomia profissional

Systematization of nursing care in the perspective of professional autonomy

Eric Benchimol Ferreira¹, Milca Severino Pereira², Adenicia Custódia Silva e Souza², Carlos Cristiano Oliveira de Faria Almeida¹, Alexandre Chater Taleb³

Objetivo: analisar a percepção do enfermeiro acerca da sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva da autonomia profissional. **Métodos:** pesquisa descritiva e exploratória, realizada com 24 enfermeiros em cinco clínicas de internação de um hospital de ensino, público, de grande porte, por meio de um questionário estruturado e avaliado por especialistas. Os dados foram analisados utilizando a estatística descritiva. **Resultados:** os enfermeiros afirmaram que a sistematização da assistência de enfermagem promove a autonomia. Enfatizaram que a busca do conhecimento para o desenvolvimento da sistematização da assistência de enfermagem recebe um reforço com a troca de experiência entre os colegas. **Conclusão:** aplicar a sistematização da assistência de enfermagem gera autonomia, demonstra que os enfermeiros percebem-se mais aptos a desenvolvê-la gerando acréscimo da autonomia profissional.

Descritores: Cuidados de Enfermagem; Autonomia Profissional; Processos de Enfermagem; Planejamento de Assistência ao Paciente.

Objective: to analyze the perception of nurses about the systematization of nursing care in the perspective of professional autonomy. **Methods:** a descriptive and exploratory research, carried out with 24 nurses at five inpatient clinics of a large-scale public teaching hospital, through a structured questionnaire evaluated by experts. Data were analyzed using descriptive statistics. **Results:** nurses claimed that the systematization of nursing care promotes autonomy, emphasizing that the pursuit of knowledge for the development of systematization of nursing care is supported by an exchange of experiences among colleagues. **Conclusion:** applying the systematization of nursing care generates autonomy, demonstrating that nurses become more apt in developing it, thereby resulting in increased professional autonomy.

Descriptors: Nursing Care; Professional Autonomy; Nursing Process; Patient Care Planning.

¹Universidade Federal de Goiás, Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Goiânia, GO, Brasil.

²Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO, Brasil.

³Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, Brasil.

Autor correspondente: Eric Benchimol Ferreira

Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Goiás. Primeira Avenida, S/N, St. Leste Universitário. CEP: 74605-020 - Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: eribem@gmail.com

Introdução

A sistematização da assistência de enfermagem teve início na década de 1950 com a ideia de unir as atividades de enfermagem como parte de um processo e não mais como ações isoladas⁽¹⁾. A sistematização da assistência de enfermagem promove melhor assistência com qualidade, proporciona satisfação e o acréscimo profissional na enfermagem, em suas ações com eficiência e qualidade⁽²⁾. Portanto ela deve ser instituída nos serviços de saúde para possibilitar a prática clínica do enfermeiro em suas atividades cotidianas⁽³⁾.

Os enfermeiros utilizam a sistematização da assistência como um modelo de processo de trabalho que promove segurança e direciona o cuidado, representando um instrumento que possibilita o levantamento das necessidades do cliente com proposta do cuidado⁽⁴⁾. Sistematizar é organizar, planejar a execução de atividades que serão aplicadas pela equipe de enfermagem, no cuidado das dimensões individuais e coletivas, de modo individualizado, e é de cunho privativo do enfermeiro⁽⁵⁻⁶⁾. Os enfermeiros percebem os benefícios significantes proporcionado pela sistematização da assistência de enfermagem apesar dos enfrentamentos que passam para sua execução, porém são cientes que para aplicar e transformar essa concepção é necessário haver disponibilidade dos profissionais de enfermagem⁽⁷⁾. Espera-se, que os órgãos legisladores de enfermagem, gestão local de saúde e governo federal apoiem a implementação da sistematização da assistência de enfermagem, como eixo fundamental para que a mesma seja um processo efetivo da profissão enfermagem⁽⁸⁾.

O Conselho Federal de Enfermagem, através da Resolução nº 358 de 2009, dispõem sobre a sistematização da assistência por meio da aplicação do processo de enfermagem em ambientes públicos ou privados, ressaltando que essa ação se trata de um instrumento metodológico que orienta o cuidado de enfermagem e a documentação da prática profissional, evidenciando a contribuição da enfermagem na atenção à saúde da população e aumentando a visibili-

dade e reconhecimento da categoria e desenvolvendo a autonomia desse profissional.

A autonomia é um atributo essencial para alcançar *status* profissional e pode ser desenvolvida de maneira individual ou em grupo. A enfermagem procura autonomia profissional ao longo de sua história. Entretanto, questiona se o enfermeiro pratica as suas ações de forma autônoma e se ele toma decisões independentes que tragam resultados positivos ao paciente⁽⁹⁾.

A autonomia profissional é definida como a liberdade de tomar decisões discricionárias e obrigatórias que são consistentes à prática do enfermeiro, como também a liberdade para agir sobre essas decisões⁽⁹⁾. A sistematização da assistência de enfermagem é considerada um caminho para a autonomia profissional por representar um processo de trabalho reconhecido pelos enfermeiros⁽⁴⁾.

A autonomia se destaca com equilíbrio e responsabilidade conquistada pelo profissional de enfermagem, portanto, o mesmo deve demonstrar conhecimento e utilizá-los na prática em prol de uma assistência de qualidade, não estando apenas ligado ao comportamento profissional, mas também, aos hábitos inovadores embora não seja um fato introjetado à práxis⁽¹⁰⁾. A autonomia está ligada a organização do método de trabalho, por diferenças assistenciais assumindo o cuidado em sua totalidade⁽¹¹⁾.

O estudo justifica-se pela percepção das dificuldades encontradas pelos autores para a implementação da sistematização da assistência de enfermagem no hospital lócus da pesquisa. Com o intuito de superar tais problemas, é necessário buscar conhecimentos para enfrentar os desafios e conquistar a autonomia nas ações de enfermagem. Com foco na certificação de que a sistematização da assistência de enfermagem está se realizando a luz da competência percebida pelos enfermeiros, questiona-se: a aplicação da sistematização da assistência de enfermagem garante autonomia profissional ao enfermeiro na sua prática?

O objetivo do estudo foi analisar a percepção

do enfermeiro acerca da sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva da autonomia profissional.

Métodos

Pesquisa descritiva e exploratória, desenvolvida no período de agosto a setembro de 2013 em um hospital de ensino, público, de grande porte, localizado no município de Goiânia, Goiás, Brasil. Foram entrevistados enfermeiros de clínicas onde a sistematização já estava implementada: Clínica Cirúrgica, Clínica de Medicina Tropical, Clínica Médica, Clínica Ortopédica e Clínica Pediátrica.

De um total de 32 enfermeiros, utilizando-se critérios de inclusão, houve participação de 24 profissionais que atuavam nas unidades de internação. Adotou-se como critérios de inclusão os enfermeiros que atuavam nas unidades de internação hospitalar por um período mínimo de seis meses e de exclusão aqueles de férias e licenças.

Foi aplicado um questionário com 23 perguntas abertas e fechadas, com variáveis quantitativas, contendo: a) pessoal e profissiográfico (sexo; idade; tempo de graduação; titulação; tempo de trabalho na instituição e local de trabalho); b) conhecimento do enfermeiro sobre a sistematização da assistência; c) autonomia profissional com o uso da sistematização da assistência de enfermagem; d) tempo de utilização da sistematização da assistência de enfermagem e estratégias de ensino mais eficazes para o aprendizado da sistematização da assistência de enfermagem.

O questionário foi avaliado por especialistas na área, e realizado teste piloto, com enfermeiros do pronto socorro do mesmo hospital, com intuito de verificar sua operacionalidade e funcionalidade.

A análise dos dados foi realizada com o uso de estatística descritiva, sendo apresentadas para as variáveis qualitativas as frequências absolutas e relativas e o intervalo de confiança para as proporções. Para as variáveis quantitativas foram apresentadas as médias e desvio padrão. As comparações foram esta-

belecidas utilizando o teste de Fisher, adotando o nível de significância $p < 0,05$.

O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Resultados

Houve predomínio do sexo feminino (83,3%). A média de idade foi de $46,7 \pm 9,3$ anos e a maioria dos profissionais tinha mais de 40 anos de idade. Os tempos médios de conclusão da graduação e de trabalho na instituição foram de $20,2 \pm 8,3$ e $15,8 \pm 7,9$ anos, respectivamente com a maior parte dos profissionais com mais de 10 anos de graduação e também mais de 10 anos de trabalho na instituição. A maioria tinha especialização (58,3%) e trabalhava na clínica cirúrgica (29,2%) ou na clínica médica (33,3%) (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros (n=24) considerando o perfil pessoal e profissional.

Variáveis	n(%)	Intervalo de confiança
Sexo		
Masculino	4(16,7)	6,68-35,85
Feminino	20(83,3)	64,15-93,32
Idade (em anos)		
≤ 40	6(25,0)	12,00-44,90
41 - 50	8(33,3)	17,97-53,29
51 - 60	6(25,0)	12,00-44,90
< 60	2(8,3)	2,32-25,85
Não responderam	2(8,3)	2,32-25,85
Tempo de graduação (em anos)		
≤ 10	4(16,7)	6,68-35,85
11 - 20	10(41,7)	24,47-61,17
21 - 30	8(33,3)	17,97-53,29
< 30	2(8,3)	2,32-25,85
Maior titulação		
Graduação	2(8,3)	2,32-25,85
Especialização	14(58,3)	38,63-75,53
Mestrado	6(25,0)	12,00-44,90
Doutorado	2(8,3)	2,32-25,85
Tempo de trabalho na instituição (em anos)		
≤ 10	8(33,3)	17,97-53,29
11 - 20	12(50,0)	31,43-68,57
21 - 30	3(12,5)	4,34-31,00
< 30	1(4,2)	0,74-20,24
Local de trabalho		
Clínica cirúrgica	7(29,2)	14,91-49,17
Clínica médica	8(33,3)	17,97-53,29
Clínica tropical	3(12,5)	4,34-31,00
Clínica ortopédica	1(4,2)	0,74-20,24
Pediatria	5(20,8)	9,24-40,47

Todos os profissionais que responderam que o uso da sistematização da assistência de enfermagem contribuiu para autonomia profissional. Utilizam as etapas do processo de enfermagem no local de trabalho e sentem-se aptos para desenvolver a sistematização da assistência de enfermagem (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição dos enfermeiros (n=24), segundo a afirmativa de que a sistematização da assistência promove acréscimo na autonomia profissional, considerando a utilização das etapas do Processo de Enfermagem no local de trabalho

Acréscimo na autonomia profissional com o uso da sistematização da assistência de enfermagem	Utilização de etapas do Processo de Enfermagem no local de trabalho (p = 0,018)*		Sente-se apto para desenvolver a sistematização da assistência de enfermagem (p=0,004)*	
	Sim	Não	Sim	Não
	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)
Bastante	7(29,2)	-	7(29,2)	-
Razoavelmente	7(29,2)	-	5(20,8)	2(8,3)
Quase nada	2(8,3)	2(8,3)	2(8,3)	2(8,3)
Não houve mudança	4(16,7)	1(4,2)	-	5(20,8)
Não sei mensurar ou mencionar	-	1(4,2)	1(4,2)	-

*Teste de Fisher

Os profissionais que utilizavam a sistematização da assistência de enfermagem a mais de cinco anos referiram que este conhecimento permite o uso dos seus diversos elementos de modo independente sempre ou na maioria das vezes (Tabela 3).

Tabela 3 - Distribuição dos enfermeiros (n=24), considerando o conhecimento e o tempo de uso da sistematização da assistência

Como o conhecimento sobre sistematização da assistência de enfermagem permite o uso dos seus diversos elementos	Tempo de uso da sistematização da assistência de enfermagem (p=0,007)*	
	1-5 anos	> 5 anos
	n(%)	n(%)
De modo independente, sem precisar recorrer à ajuda	-	4(16,7)
Na maioria das vezes de modo independente, buscando ajuda	2(8,3)	10(41,7)
De modo independente nas situações comuns, mas recorre à ajuda de profissionais de outras áreas	1(4,2)	1(4,2)
Geralmente busca ajuda	1(4,2)	-
É dependente para realizar a sistematização da assistência, se sente inseguro	4(16,7)	1(4,2)

*Teste de Fisher

Os enfermeiros julgaram que os grupos de estudo (37,5%) e as aulas expositivas (29,2%) eram as estratégias de ensino mais eficazes para o aprendizado da sistematização da enfermagem (Tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição das estratégias de ensino que os enfermeiros (n=24) julgam mais eficazes para o aprendizado da sistematização da assistência

Estratégias de ensino eficazes	n(%)
Grupos de estudo	9(37,5)
Aulas expositivas	7(29,2)
Discussões durante o trabalho	2(8,3)
Estudos de caso	2(8,3)
Trabalho em grupo	1(4,2)
Leitura de livro	1(4,2)
Outros (Oficinas e reuniões)	2(8,3)
Total	24(100,0)

Atividades descritas pelos enfermeiros (n=24) para a busca do conhecimento sobre a sistematização da assistência foram, respectivamente, trocas de experiências com os colegas (87,5%), livros (70,8%), curso (70,8%), artigos científicos (50,0%), site de internet (45,8%), congressos (25,0%) e oficinas e reuniões (4,2%).

Discussão

A predominância feminina na profissão é condizente com os dados apresentados no estudo “Perfil da Enfermagem no Brasil”, recorte Estado de Goiás⁽¹²⁾, que registra existir 90,1% dos enfermeiros do sexo feminino. Porém o sexo masculino apresenta um índice maior no hospital pesquisado do que no perfil do Estado que aponta 9,9%.

A idade dos enfermeiros participantes do estudo é superior à média apresentada no Perfil da Enfermagem no Brasil, recorte Estado de Goiás⁽¹²⁾, que apresenta 71,5% dos enfermeiros com idade de até 40 anos enquanto, na população estudada, essa mesma média foi de 25,0%.

Comparando a faixa etária dos enfermeiros entrevistados com o Perfil da Enfermagem no Brasil, recorte Estado de Goiás⁽¹²⁾, foi possível identificar

que 33,3% dos enfermeiros do hospital pesquisado encontram-se na fase de Desaceleração da Vida Profissional (termo utilizado no Perfil da Enfermagem no Brasil para os profissionais que se encontram entre 51-60 anos) que remetem a um menor interesse em desenvolver a sistematização da assistência de enfermagem embora reconheçam sua relevância.

Com foco no tempo de formação, 83,33% dos enfermeiros participantes da pesquisa possuem mais de 10 anos de formação, ou seja, formaram-se anteriormente a 2003. A sistematização da assistência de enfermagem passou a ser exigida pelo Conselho Federal de Enfermagem a partir de 27 de agosto de 2002, por meio da resolução do Conselho Federal de Enfermagem nº272 de 2002, que foi revogada pela resolução nº358 de 2009 do mesmo Conselho.

Uma possível explicação para as dificuldades apresentadas na execução da sistematização da assistência e processo de enfermagem é a formação acadêmica de enfermagem. O ensino da sistematização da assistência de enfermagem deve ser ministrado por pessoas com experiência em sua aplicação⁽¹³⁾. Muito é feito nas instituições de ensino, porém essas ações são desenvolvidas, principalmente, no início da graduação e não dialogam com as disciplinas aplicadas e nas atividades realizadas na prática. Esse é o grande desafio a ser vencido.

Os enfermeiros que utilizam a sistematização da assistência sentem-se mais aptos e percebem o acréscimo da autonomia profissional, assinalados de acordo com os indicadores de acréscimo, somando 58,4%, assim como o fato de sentir-se aptos para desenvolver a sistematização da assistência de enfermagem interferiu no nível de autonomia do profissional (Tabela 2), com maior índice entre os que afirmaram que houve bastante acréscimo na autonomia profissional.

A sistematização da assistência propicia autonomia para o enfermeiro por ser um método de assistir aceito pelo mesmo, permitindo uma relação entre enfermeiro e o cliente na assistência e cuidado, com qualidade e demonstração do conhecimento

técnico científico, com comprometimento⁽⁴⁾.

Para obter autonomia o enfermeiro deve utilizar conhecimentos, habilidades e atitudes nas tomadas de decisões na conquista de seu espaço, através de suas ações, demonstrando capacidade profissional, perfil ético, pois, só assim, estará apto para exercer sua profissão com autonomia⁽¹⁴⁾.

É possível inferir que a experiência dos enfermeiros com a sistematização da assistência permite que esses atuem de modo independente sem recorrer à ajuda (Tabela 3). O inverso é verdadeiro, pois quem tem menor experiência demonstra dependência para realizar a sistematização e se sente inseguro. Alguns enfermeiros, mesmo com experiência, desenvolvem etapas do processo de forma autônoma, porém recorrem à ajuda. Segundo os registros dos participantes, isso ocorre porque eles não desenvolvem totalmente as fases do processo e têm pouca adesão à sistematização.

Os enfermeiros consideraram que a estratégia mais eficaz para o aprendizado da sistematização da assistência é o ensino por meio de grupos de estudos. Quanto à busca do conhecimento, destaca-se a troca de experiências com colegas. Isso reflete uma iniciativa dos participantes em desenvolver atividades que compartilhem conhecimento para uma atuação mais autônoma.

Os enfermeiros utilizam para a busca do conhecimento seja por estratégias baseadas nas atividades em grupo, seja por grupos de estudos (Tabela 4) ou troca de experiências com os colegas. A interação é um processo significante de comunicar-se, sendo um instrumento primordial para a equipe de enfermagem na assistência contínua, tendo que ser concisa entre os membros da equipe⁽¹⁵⁾. O enfermeiro, em seu cotidiano, vive situações internas e externas seguindo a práxis biomédica condicionada as práticas históricas da profissão e que para conquistar a autonomia percebe a necessidade de um impulso proporcionado pela sistematização da assistência⁽¹⁶⁾.

A autonomia é garantida com a apreensão de conhecimento e, ao analisar os dados referentes ao

processo de ensino-aprendizagem, os enfermeiros apontaram estratégias educacionais desenvolvidas em grupo. Essas estratégias possibilitaram trocas vivenciais entre os participante, identificação das fragilidades e potencialidades que acontecem no processo da busca do conhecimento⁽¹⁷⁾.

Conclusão

A aplicação da sistematização da assistência gera autonomia ao enfermeiro, considerando que, entre os entrevistados que utilizaram a sistematização, foi percebido um acréscimo na autonomia profissional.

A estratégia de ensino, considerada pelos enfermeiros como a mais importante, foi a desenvolvida em grupos. Quanto às ferramentas de busca do conhecimento, destacam-se: trocas de experiência com os colegas, realização de cursos e busca em livros. É possível perceber que os enfermeiros utilizaram estratégias de grupo para reforçarem seus conhecimentos em busca da autonomia profissional do enfermeiro que é adquirida por meio de apreensão de conhecimento e de ações em grupo. Portanto, consideramos que é fundamental desenvolver atividades de educação permanente para garantir melhorias na assistência de enfermagem.

Este estudo não possibilita generalizações por estar circunscrito à realidade local, porém descreve caminhos para que outras pesquisas sejam realizadas nesta temática, demonstrando as lacunas na compreensão entre sistematização da assistência e autonomia. Sobretudo, ressaltamos que a educação continuada é o caminho consolidado para a garantia da aplicação a sistematização da assistência da enfermagem.

Colaborações

Ferreira EB, Pereira MS, Souza ACS, Almeida CCOF, Taleb AC contribuíram na concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados, redação do artigo ou revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada.

Referências

1. Huitzi-Egilegor JX, Elorza-Puyadena MI, Urkia-Etxabe JM, Esnaola-Herrero MV, Asurabarrena-Iraola C. Retrospective study of the implementation of the nursing process in a health area. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2013; 21(5):1049-53.
2. Medeiros AL, Santos SR, Cabral RWL. Sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva dos enfermeiros: uma abordagem metodológica na teoria fundamentada. *Rev Gaúcha Enferm*. 2012; 33(3):174-81.
3. Zanardo GM, Zanardo GM, Kaefer CT. Sistematização da assistência de enfermagem. *Rev Contexto Saúde*. 2011; 10(20):1371-4.
4. Menezes SRT, Priel MR, Pereira LL. Nurses' autonomy and vulnerability in the Nursing Assistance Systematization practice. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(4):953-8.
5. Neves RS, Shimizu HE. Analysis of the implementation of Nursing Assistance Systematization in a rehabilitation. *Rev Bras Enferm*. 2010; 63(2):222-9.
6. Herdeman TH. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificações 2015-2017. Porto Alegre: Artmed; 2015.
7. Santana JCB, Rocha VAM, Oliveira E, Afonso LN, Santos SLR, Freitas VMF, et al. Percepção dos enfermeiros acerca da Sistematização da Assistência de Enfermagem na atenção básica de Belo Horizonte. *Enferm Rev*. 2013; 16(1):4-17.
8. Diniz IA, Cavalcante RB, Otoni A, Mata LRF. Perception of primary healthcare management nurses on the nursing process. *Rev Bras Enferm*. 2015; 68(2):206-13.
9. Bularzik AM, Tullai-McGuinness S, Sieloff CL. Nurse's perceptions of their group goal attainment capability and professional autonomy: a pilot study. *J Nurs Manag*. 2013; 21(3):581-90.
10. Gomes AMT, Oliveira DC. Autonomia profissional em um desenho atômico: representações sociais de enfermeiros. *Rev Bras Enferm*. 2010; 63(4):608-15.
11. Silva LAA, Menegat RP. A gestão do cuidado em relação à autonomia dos enfermeiros. *Rev Eletr Gestão Saúde [Internet]*. 2014 [citado 2015 nov 5]; 5(n.esp):2294-312. Disponível em: gestaoesaude.bce.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/viewFile/.../pdf

12. Conselho Federal de Enfermagem. Perfil da Enfermagem no Brasil. Brasília: COFEN; 2015.
13. Penedo RM, Spiri WC. Meaning of the Systematization of Nursing Care for nurse managers. *Acta Paul Enferm.* 2014; 27(1):86-92.
14. Fentanes LRC, Hermann AP, Chamma RC, Lacerda MR. Autonomia profissional do enfermeiro: revisão integrativa. *Cogitare Enferm.* 2011;16(3):530-5.
15. Broca PV, Ferreira MA. Communication process in the nursing team based on the dialogue between Berlo and King. *Esc Anna Nery.* 2015; 19(3):467-74.
16. Santos FOF, Montezeli JH, Peres AM. Autonomia profissional e sistematização da assistência de enfermagem: percepção de enfermeiros. *Rev Min Enferm.* 2012; 16(2):251-7.
17. Carvalho GCG, Leonel LCPC, Souza MCBM, Lucchese RCNSF. Operating group as a follow-up strategy of a Nursing Course's Pedagogical Project. *Rev Rene.* 2014; 15(3):427-35.